

## MEMÓRIA E IDENTIDADE EM OS MENINOS MORENOS, DE ZIRALDO, E NAS RUAS DO BRÁS, DE DRAUZIO VARELLA

Leonice Rodrigues Pereira<sup>1</sup>



**Resumo:** Este texto apresenta uma leitura comparada de duas narrativas de memória infanto-juvenil – *Os meninos morenos*, de Ziraldo, e *Nas ruas do Brás*, de Drauzio Varella, em que seus narradores, ao rememorararem suas experiências infantis, tratam da complexidade da formação do povo latino-americano.

**Palavras-chave:** memória; narrativa; diversidade; cultura; povos.

**Abstract:** This paper presents a comparative reading of two juvenile memory narratives – *Os Meninos Morenos*, by Ziraldo and *Nas Ruas do Brás*, by Drauzio Varella – in which their narrators, by using remembrances of their children's experiences, deal with the complexity of Latin-American formation people.

**Keywords:** memory; narrative; diversity; culture; people.

No uso de um discurso em primeira pessoa, os narradores<sup>2</sup> de *Os meninos morenos* (2004), do escritor Ziraldo, e o de *Nas ruas do Brás* (2001), de Drauzio Varella, apresentam-se imbuídos de elevada carga de experiências de vida e conhecimento – este com 58 anos e aquele com 72 anos de idade. Ambos interpretam e recriam as recordações de uma infância passada num espaço e tempo muito distinto do mundo que os cercam no momento da narração.

Ziraldo o recria no texto como um dos “meninos morenos”, que além de referir-se diretamente ao tema principal do texto, é uma expressão que intitula a narrativa. O autor refere-se a si mesmo como a um representante da grande maioria dos habitantes da América Latina, cuja pele, demais aspectos físicos e culturais trazem os traços essenciais e marcantes de inúmeras etnias e culturas de povos de origem local (o índio) e povos oriundos das mais diversas regiões do planeta que aqui, neste continente, encontraram-se e se misturaram:

Quando o homem branco chegou na minha terra, encontrou meninos com carinha igual a de todos os meninos que viviam nas florestas úmidas da América ou nas altas montanhas dos Andes. Depois eles trouxeram os negros da África, que não queriam vir. E vieram também os árabes e outras gentes da Ásia. E todos se misturaram sem registro e sem cartório. (ZIRALDO, 2004, p.6).

Tanto Ziraldo quanto Varella, talvez este de forma mais direta e acentuada, tratam em seus

textos de algo bastante peculiar à espécie humana desde as suas origens: o desejo de enraizar-se em um determinado local, conviver com o habitual e o tradicional e de deslocar-se de um espaço a outro, rompendo obstáculos, aventurando-se com o novo e com o diferente. De acordo com a história da humanidade, antes de ser sedentário, o homem foi nômade. É próprio de sua natureza o desejo de transitar por outros mundos distintos, muitas vezes, distantes das terras onde nascera. Para Domenico De Mais (2000, p. 163), a “aldeia e o porto, o deslocamento e a caverna convivem e lutam dentro de nós, como necessidades biológicas herdadas da Pré-história, ambas vertentes indispensáveis ao percurso da civilização”. A compreensão da natureza autobiográfica e memorialística das narrativas em estudo e da perspectiva do narrador terá como base de reflexão a crítica de Antonio Candido (1986), “Poesia e ficção na autobiografia”, referente às obras literárias de escritores mineiros produzidas recentemente e qualificadas como autobiografias poéticas e ficcionais.

Ao analisar as memórias de Drummond, Candido aponta que o narrador poético realiza um duplo afastamento do seu eu presente: “primeiro, como adulto que focaliza o passado da sua vida, da sua família, da sua cidade, da sua cultura, vendo-os como se fossem objetos de certo modo remotos, fora dele; segundo como adulto que vê esse passado e essa vida, não como expressão de si, mas daquilo que formava a constelação do mundo, de que ele era parte” (CANDIDO, 1987, p. 56). Se, de um lado, o texto



literário narra a história do eu no mundo de forma particular, de outro generaliza, na medida em que ao tratar da existência específica de um indivíduo, acaba por tratar da história e biografia de um grupo, isto é, de toda uma coletividade.

Para melhor entender que o particular, a experiência do eu estão intimamente ligados ao universal na narrativa memorialística, será necessário lançar mão dos estudos realizados pelo sociólogo Halbwachs (2004), para quem o ato de lembrar está diretamente ligado às relações interpessoais e coletivas. A memória individual surge a partir da memória coletiva: as lembranças individuais são constituídas no interior dos grupos, cuja memória está ligada à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade. Halbwachs contraria, então, os argumentos de Bérson (1999), seu mestre: na visão bergsoniana, o passado poderia ser revivido, isto é, continuar intacto em nossa memória, podendo vir à tona a qualquer momento.

Para Halbwachs, lembrar significaria reconstruir com o olhar do presente, imbuído de todo conhecimento e experiências adquiridos no decorrer de nossa vivência, as percepções do passado. Nesse sentido, guardamos lembranças de cada momento de nossa vida e as reproduzimos ao longo de nossa existência através das quais se configura, continuamente, a construção de nossa identidade (cf. HALBWACHS, 2004a, p. 111). Assim, o estudo do referido sociólogo sobre memória é um suporte teórico imprescindível para se pensar a formação identitária do sujeito no mundo contemporâneo, na qual a relação com o outro se estabelece na constituição de um povo, tendo por base a mistura de elementos provenientes das etnias e culturas pertencentes a diversas nacionalidades.

Para refletir sobre hibridização no processo formação do homem latino-americano, tão bem enfocada nos textos, lançamos mão das abordagens de Benjamim Abdala Junior (2002) e de um de seus principais apoios teóricos, os estudos do historiador Serge Gruzinski (2001). De acordo com Gruzinski, a globalização não é uma situação inédita na história da humanidade, própria do mundo contemporâneo, como é caracterizada pela maioria das pessoas que abordam o referido assunto: o século XVI se caracterizou pela expansão ibérica. Da mesma forma que o século XX é o século americano, o século XVI foi o século ibérico.

Os acontecimentos do renascimento constituem como princípios elementares para o processo da globalização de todas as instâncias da sociedade. Dá-se, então, a expansão do mundo ocidental, que resulta em uma contínua mestiçagem em diversas partes do mundo. Deste modo, observa-se que “as primeiras mestiçagens de projeção planetária aparecem, assim, estreitamente ligadas às premissas da globalização econômica iniciada na segunda metade do século XVI” (GRUZINSKI, 2002, p. 18). Partindo do pressuposto de que todas as culturas são híbridas e que qualquer mistura de elementos culturais e étnicos existe desde o início da experiência humana na terra, não se pode afirmar que a globalização implica no surgimento de uma nova ideologia no contexto do mundo moderno. De acordo com Gruzinski, toda cultura é formada no decorrer da história por meio da dinâmica dos inúmeros contatos entre os povos. Como diz Abdala Junior (2002), a natureza híbrida das culturas tem como consequência a abertura de caminhos para a renovação do pensamento, no sentido de ampliar o leque das reflexões básicas. Desse modo, essas reflexões teóricas nos subsidiarão no estudo das narrativas memorialistas focalizadas neste texto, que tão bem abordam processo de fusão de culturas na constituição do povo latino-americano, especialmente, do povo brasileiro.

O médico e escritor Drauzio Varella, neto de espanhóis e portugueses, dá relevância no início de seu texto à vinda de seus avós para o Brasil no início do século XX, fazendo questão de se colocar como parte e fruto desse acontecimento marcante para a história, cultura brasileira e latino-americana de modo geral, que é a chegada dos imigrantes, procedentes de diversas partes do mundo, mais especialmente da Europa, para trabalhar no lugar do escravo negro, libertado naquela época por não atender mais aos requisitos do Capitalismo.

O Brasil e demais países do “novo mundo” constituíam-se como uma “terra prometida” para aqueles que, nos seus países de origens (pertencentes ao “velho mundo”), viviam seqüiosos por uma vida menos desprovida, de melhor qualidade: “No começo do século, muitos europeus, cansados da guerra e da pobreza em que viviam, emigravam para o Brasil” (VARELLA, 2000, p.6). Dentro dessa abordagem, o pesquisador Herbert S. Klein (1999, p. 14-15), ao tratar dos fatores de expulsão ou de atração

responsáveis pela imigração, numa visão crítica, aponta que poucos são aqueles que migram por desejo de mudança ou de aventura. Em sua perspectiva, o deslocamento em massa de pessoas do “velho mundo” para o “novo mundo” se dá, então, pela busca de sobrevivência. Se pudessem escolher, jamais optariam por deixar suas casas, suas tradições, suas comunidades de origem.

Ao falar de sua infância vivida às margens do grande rio Doce, em Minas Gerais, o narrador de **Os meninos morenos** coloca-se como um personagem comum, representando não só as crianças da região onde viveu, mas de todo um país ou mesmo de um continente: “Quem sabe essa gente morena que hoje habita o Brasil inteiro não vai ser, no livro de História Geral do ano quatro mil, por exemplo, um povo que surgiu nas Américas?” (2004, p. 6). Ao traçar um diálogo direto de seu texto de memórias autobiográficas com a poesia de Humberto Ak’abal - um poeta guatemalteco que também versa sobre sua vida de menino, com quem o narrador declara identificar-se – Ziraldo projeta-se como parte do corpo de intelectuais que discutem e pensam atualmente a complexa realidade étnica e cultural latino-americana.

Ao traçar o perfil do homem latino-americano, por meio do relato de sua história pessoal, acredito que o Narrador queira trazer para reflexão a possibilidade da união desses países que podem constituir-se entre si uma comunidade, levando em consideração as diversas características em comum que possuem. Essa visão de Ziraldo está em consonância com a abordagem de Abdala Junior. Para este, em oposição ao processo de desagregação dos Estados nacionais, muito presente no mundo atual, pode acontecer o comunitarismo, o qual propiciará o surgimento de uma agregação supranacional:

Se pensarmos com os pés no Brasil e a cabeça deslocando-se para outros territórios que nos interessam, duas formas de articulação político-cultural se nos impõem: aquelas que apontam para a América Latina e as que têm em seus horizontes os países da língua portuguesa. [...] Num mundo de fronteiras múltiplas, torna-se politicamente indispensável ao pensamento crítico considerar o sentido estratégico dessas associações comunitárias supranacionais, com base no comunitarismo cultural. (ABDALLA JUNIOR, 2002, p. 31).

Ao analisar o percurso de desenvolvimento da

humanidade, observa-se que a cultura se constrói historicamente e de maneira dinâmica, por intermédio do contato entre diferentes povos e diversas culturas (cf. ABDALLA JUNIOR, 2002, p. 21). É o que se dá com a chegada dos imigrantes na primeira metade do século XX à América Latina, fato este representado nos primeiros capítulos de **Nas ruas do Brás** pela chegada ao Brasil dos avós do protagonista, vindos da Espanha e de Portugal: “Como outros estrangeiros, meu avô foi morar no Brás” (2000, p. 07). O sujeito, ao se deslocar, não só transforma-se a si mesmo, mas também o outro com quem mantém contato. Dessa maneira, o homem, ao habitar um novo espaço, contribui para dar a este uma nova face, transformando assim sua cultura, seus valores e, enfim, todo o modo de vida de que passa a fazer parte.

As ações da narrativa de Varella concentram-se na grande São Paulo e, em especial, em um de seus bairros, o Brás. Este adquire relevância na narrativa, considerando que dados extratextuais apontam o referido espaço como destaque quanto ao aspecto da diversidade cultural e étnica. No período de 1880 a 1980, metade dos cinco milhões e meio de imigrantes que vieram para o Brasil ficaram em São Paulo. Além do mais, avalia-se atualmente que, na capital paulistana, existem mais de cem etnias ali representadas.

As ruas do Brás constituem um espaço em constante metamorfose, marcado pelos acontecimentos do período industrial. O Brás é um bairro da cidade São Paulo de maior destaque no que diz respeito à dinâmica da imigração, devendo considerar que é lá que situava a famosa Hospedaria do Imigrante. Construída em 1886, com o objetivo de abrigar todos os imigrantes os quais chegavam de navios aportados em Santos e encaminhá-los para o trabalho. A hospedaria tinha capacidade para acolher até três mil pessoas. Aproximadamente dois milhões e meio de imigrantes e sessenta nacionalidades diversas passaram por lá. T tamanha era a concentração de imigrantes italianos no referido bairro que espanhóis, portugueses e brasileiros, como relata o narrador, eram vistos ali como figuras estranhas. Observe-se, ainda, que o evento da imigração ganha relevância na obra de Varella com a presença da foto, no primeiro capítulo, registrando a chegada dos imigrantes ao Porto de Santos (2000, p. 07).

A obra **Nas ruas do Brás** revela o lado avesso e contraditório das grandes potências



européias tanto nos aspectos culturais, quanto nos políticos e econômicos. Grande massa de pessoas, de baixo poder aquisitivo, oriunda dos países europeus, por conta das dificuldades em que viviam, são pressionados a migrarem para as terras do além mar em busca de melhores condições de existência. Dando prosseguimento a essa reflexão, o mapa “morenocêntrico” de Ziraldo (2004, p. 74-75), que coloca a América do Sul na sua posição central, também vai na contramão do eurocentrismo: “Hoje resolvi desenhar o mapa de novo, do jeito que eu fazia quando era menino. Só que agora vou trocar o centro do mapa de lugar. Vou fazer o mapa-múndi com a terra dos meninos morenos no meio do mundo” (p. 73). Em sentido contrário ao eurocentrismo, também foi a atitude de Ziraldo que alinhavou seu texto não só à tradição literária européia ou norte-americana, mas especialmente à poesia de um latino-americano, Humberto Ak’abal.

O branco colonizador, ao se instalar na América Latina, trouxe com ele sua forma política, a sua cultura e a sua história. O historiador europeu e mesmo os oriundos de outros países privilegiaram “a história do Ocidente em detrimento da história do resto do mundo” e especialmente a “história nacional em detrimento da história de seus vizinhos” (GRUZINSKI, 2001, p. 55). Ao colocar no centro do mapa-múndi a América Latina, creio que o narrador de **Os meninos morenos** não está apenas agindo no sentido inverso ao pensamento eurocêntrico, mas assumindo seu ponto de vista a partir de seu lugar de origem, pois se assume étnico-culturalmente como fruto dessa mistura planetária presente no cotidiano de cada um de nós.

Dessa forma, Ziraldo, por meio de seu texto, chama-nos a atenção para o fato de que “o ocidental não é mais o universal”. O narrador mostra-se consciente da importância do seu espaço e de sua cultura de origem na constituição de sua identidade, mas sem descartar a importância da cultura e etnia do homem ocidental na sua formação, principalmente através das origens da mãe, cuja família era constituída por “uma mistura danada”, inclusive de pessoas brancas, isto é, de origem européia, pois havia “gente de olho verde, de cabelos negros, de cabelos loiros, de rosto fino, de rosto largo, [...] de pele muito morena, pouco morena...” (2004, p. 71). Na sua abordagem, Ziraldo não descarta os elementos

oriundos do pensamento da tradição ocidental que lhe são relevantes para a reflexão sobre a natureza de seu texto, ao referir-se à obra de Fernando Pessoa ou ao tratar, de forma direta ou indireta, das ideias proustianas a respeito da memória involuntária, como acontece nesta passagem referente à figura importante do seu avô: “Convivi com esse homem por quase cinqüenta anos. Toda vez que ouço a chuva tamborilando no telhado, sinto uma enorme sensação de aconchego e segurança” (p. 13).

Nesse sentido, Ziraldo não dá primazia apenas ao autóctone em detrimento dos valores europeus, considerando que o pensamento e os valores culturais indígenas não se apresentam mais dentro de seus contornos e estado de “pureza”. O seu enfoque está sempre no surgimento de um povo diferente através da mistura de várias etnias e culturas.

Ao centrar-se no espaço das ruas, como está dito no próprio título do livro - **Nas ruas do Brás** - a narrativa de Varella institui como seu o espaço externo à casa. O espaço íntimo da convivência familiar aparece muito pouco descrito pelo narrador. Como se tratava de um menino, cabia a ele dominar o espaço fora e distante da residência. Às meninas não lhes era permitido afastar do interior ou dos arredores da casa e nem participar das brincadeiras masculinas, ocorridas geralmente nas ruas do bairro. Constatação esta que nos remete aos valores morais e sociais da época. Nos anos quarenta e cinquenta do século passado, tempo da narrativa, apesar de a mulher, muitas vezes, já dividir com o marido a função de prover a casa e a família, não lhe era consentido muito do que era realizado pelo homem.

Da mesma forma que o Brás é um espaço importante por abrigar representantes de diferentes povos em decorrência da imigração em São Paulo, Lajão, onde o herói de Ziraldo passou sua infância, mesmo sendo uma pequena cidade, foi muito importante quanto a essa dinâmica dos encontros interpessoais de diversas nacionalidades e culturas, considerando o fato de a mesma sediar uma importante estação da ferrovia Vitória-Minas, ponto de passagem das pessoas. O próprio nome da cidade carrega em seu sentido histórico algo importante nessa abordagem, pois Lajão se referia a uma grande laje de pedra na qual aportavam, em tempos passados, embarcações que percorriam o curso do rio Doce. Deve-se considerar ainda que este teve grande valor como via de acesso à região para os europeus que

vinham em busca da conquista de Minas Gerais e do Espírito Santo. O rio Doce serviu como via de ligação dessa região com o mundo, contribuindo assim para que houvesse o encontro entre pessoas de origens distintas.

Nesse texto, o “menino moreno” (o protagonista) corresponde, de forma dialógica, a um personagem de uma outra obra de Ziraldo, publicada pela primeira vez em 1996, **O menino do rio Doce**, por priorizar o próprio rio enquanto um elemento relevante em suas memórias. O menino, personagem desta obra, identifica-se com o próprio rio Doce, o qual aparece com muita força poética na narrativa e também na formação do personagem principal de **Os meninos morenos**: “As foscas lembranças do Lajão me levavam também para um quintal dividido por uma cerca e avançando para o mistério até chegar à beira do rio grande, um barranco alto de onde eu via o rio mais largo do que o mar...” (2004, p. 14).

Dessa forma, o rio, representação simbólica do tempo e do próprio curso das memórias, assume sentido sublime no texto de Ziraldo, especialmente, na constituição do personagem principal, cuja identidade pode estar relacionada metaforicamente à densidade de sentidos da figura de um rio.

O rio com o fluir de suas águas é também símbolo da fertilidade, da morte e de renovação. A corrente de suas águas representa o curso da vida e da morte. E a sua descida rumo ao oceano, como acontece com o rio Doce, resultando no ajuntamento das águas, significa o retorno ao princípio, isto é, o fim de um ciclo e o início de um outro. Conforme a antiga concepção grega, o rio possuía um sentido muito rico, a quem os gregos cultuaram como um dos deuses. O rio possuía um sentido carregado de mistérios; ao mesmo tempo em que tinha o poder de irrigar, transportar os barcos, tinha também o poder de submergir, inundar e afundar as embarcações. Assim, ao mesmo tempo em que o rio era venerado, era também temido (cf. CHEVALIER, 1994, 780-781).

Essa gama de sentidos que tem o rio pode equipará-lo, metaforicamente, ao homem com todos seus enigmas, complexidade e riqueza em sua constituição. Dessa forma, o penetrar na busca pela compreensão do homem latino-americano, focalizado por Ziraldo e indiretamente abordado por Varella, é como penetrar nos percalços das águas turvas de um grande rio em períodos de cheias. Desse modo, o ser humano pode ser identificado com o rio, na sua acepção complexa,

cheia de mistérios e surpresas.

Em **O menino do rio Doce**, de Ziraldo, o protagonista e a própria narrativa têm sua existência confundida com a do rio, pois esta é interrompida, no final do livro, com a seguinte passagem: “o rio se desmancha no azul da água salgada do mar. Onde a história do homem que veio vindo com o rio – menino feito de água – agora vai começar...” (ZIRALDO, 1996, p. 28). As reticências, além de significar o possível prosseguimento da narrativa, indicam, enfim, a continuidade das águas do rio num novo ciclo, representando o começo da vida adulta do protagonista, que agora sai para o mundo como o rio que se desmancha no mar. Nesse sentido, no curso de seus relatos, o narrador, em terceira pessoa do discurso, faz a seguinte reflexão: “pelo rio vai se para o mundo” (p. 24).

No livro de Varella, o contato do protagonista com o rio também representa essa sua busca pelo mundo, quando ele, livre dos cuidados maternos, na sua caminhada rumo à adolescência e consequentemente à sua fase de homem crescido, lidera o grupo de meninos até mais velhos que ele nas suas conquistas cada vez mais amplas, tanto no que diz respeito ao espaço físico, quanto aos aspectos social e psicológico: “Era muito difícil chegar até as águas do rio. O barranco era alto e inclinado” (2000, p. 59-60). O rio, naquele momento, lhes é apresentado através de uma gama de significados muito contraditórios: ao mesmo tempo em que lhe é temido, o rio representa o proibido, proporciona-lhe aventura e a sensação de liberdade, palavra esta que intitula um dos capítulos do texto. Ao falar do rio, Varella quer também abordar o processo de transformação ocasionado pelo progresso em São Paulo. É, então, a ação do homem quebrando o percurso da natureza: “Naquela época o rio Tietê não era poluído como hoje” (p.59).

O narrador de Varella coloca em sua perspectiva certa dose de saudosismo em relação às experiências vividas na infância. Nem as doenças e as mortes frequentes pela falta de recursos da medicina da época afetaram o olhar positivo do narrador, não só de Varella, na sua linguagem direta de médico, mas também de Ziraldo, que lança mão de uma linguagem bastante subjetiva e brincalhona para tratar dos acontecimentos trágicos da sua infância: “Os bichinhos que matavam muitos de meus parceiros da infância não eram visíveis a olho nu” (1996, p.39).

Ziraldo, ao tratar do passado, recria suas lembranças por meio de um discurso recheado de figuras, imagens e simbologia, revelando assim sua capacidade bastante reconhecida em lidar com o amplo universo das palavras.

O fluxo das águas do rio, nas duas narrativas em análise, remete-nos ao fluxo da narrativa, que traz à tona as experiências vividas pelos protagonistas em tempos remotos. O mergulho nas recordações, através da memória, é tão complexo e emblemático como o mergulho nas correntezas de um rio. É um mergulho também do ser, no seu “eu”, mas em constante diálogo com o outro. Ao voltarem para si, para o seu mundo em particular, esses narradores também tratam de questões essenciais e profundas da existência humana.

A experiência pessoal é confundida com a visão externa do mundo da sociedade, pois a autobiografia se transforma numa “heterobiografia, história simultânea dos outros e da sociedade”, mas sem prejudicar o cunho individual, que é o filtro de tudo na narrativa (CANDIDO, 1987, p. 56).

Varela constrói esse percurso em busca do seu ser por intermédio de uma linguagem direta e objetiva, a qual conta, para sua clareza, com as ilustrações das fotos e desenhos, além do contraste marcado pela grafia das letras pretas sobre o papel de cor branca.

Ao analisar os aspectos formais da obra **Os meninos morenos**, observa-se que a sua grafia e seu *designer* têm por base a utilização predominante da cor marrom, “cor da terra”, expressão esta que aparece com muita frequência em toda a narrativa. O colorido da capa, assinalado pelo desenho de diferentes pessoas com roupas de cores diversificadas, somado à foto também colorida de Ziraldo ao lado das crianças guatemaltecas na contracapa, corresponde semanticamente a essa ideia de mistura de elementos diversos, distintos e que está em consonância com a simbologia da cor marrom, se considerar o processo de aquisição desta, constituído pela fusão do vermelho com o preto.

Ao analisar a simbologia da cor marrom, percebe-se que a mesma pode estar associada à própria terra latino-americana, ao “enraizamento” de pessoas nesse continente, oriundas de diversas regiões do planeta, e à perspectiva de futuro apresentada, num primeiro momento, pelo colonizador e, num segundo momento, pelos

imigrantes. O colorido diversificado expressa, então, a vida e em especial toda a dinâmica de mistura de povos, que apesar dos seus contrastes, dão origem a um novo povo. Nesse sentido, é relevante analisar o uso do marrom em várias tonalidades (através da monocromia), na composição da maioria dos desenhos, cujos contornos, muitas vezes, não são bem definidos. Esse aspecto acentuado pelas letras em pouco contraste com a cor bege do papel - que também não contrasta com o colorido bastante diversificado das ilustrações da capa e de alguns poucos desenhos no corpo do texto (em que há a predominância do vermelho, uma das cores responsáveis pela aquisição do marrom) - contribui na narrativa para uma atmosfera de imprecisão e de subjetividade. A indefinição não se dá só em relação ao olhar do narrador, mas, especialmente, em relação à perspectiva do leitor, pois cabe a este definir o sentido daquilo que lê. Esse fato é condizente à própria natureza da memória definida pelo narrador de **Os meninos morenos**, para quem a falta de contornos precisos das imagens lembradas é decorrente do longo espaço de tempo existente entre o momento da narração e o momento dos acontecimentos relatados:

Quero voltar porque preciso esclarecer tantas histórias. Ali vivi dos três aos seis anos. Todas as lembranças são neblinosas e fora de ordem. A anta que, todas as tardes, atravessava a vila, caminhando calmamente em direção ao rio é, na minha lembrança, uma mancha negra flutuando, em câmara lenta, numa nesga de luz. (2004, p. 11).

A linguagem subjetiva ganha força também pelo aspecto sombrio, peculiar ao texto de Ziraldo. Há ausência de luz tanto nas cenas descritas, quanto nos desenhos monocromáticos. A atmosfera noturna ganha ênfase em toda a narrativa, especialmente, na sua conclusão, cuja abordagem dá à lua a cor marrom. Segundo o narrador, a lua não deve ser representada na sua forma habitual, mas na cor “dos meninos morenos” (2004, p. 91). O caráter fosco presente nessa narrativa, ligado à ideia de imprecisão, pode ser relacionado à própria complexidade e à difícil empreitada que é esta viagem para dentro de si, a busca da compreensão do “eu” através da rememoração. E, ao recordar o seu passado, o sujeito desvenda a si enquanto um ser universal.

Se entendermos que as experiências particulares do narrador é parte de um todo da sociedade na qual está inserido, podemos também analisar, na perspectiva do sociólogo Halbwachs (2004, p.55), que a memória individual é “um ponto de vista sobre a memória coletiva”, ponto de vista este que se transforma conforme o lugar ocupado pelo “eu” que rememora e essas modificações se dão também conforme as relações estabelecidas pelo indivíduo com diferentes meios.

Tanto Ziraldo quanto Varella iniciam a narrativa com uma passagem, cujo protagonista é a figura imponente do avô, determinado a realizar a empreitada de uma travessia. No primeiro capítulo de **Nas ruas do Brás**, o avô paterno do protagonista atravessa o mar para estabelecer-se no Brasil e em **Os meninos morenos**, o avô materno, a quem o menino (personagem principal) tanto venera, muda com toda sua família de um lugarejo para outro situado às margens do rio Doce. A ligação entre o protagonista e a figura do avô, em ambas as obras, representa a proximidade estabelecida entre si pela criança e pelo velho em nosso contexto sociocultural, cabendo, ao último, o papel de narrar, voltar ao passado, em especial, ao passado da infância vivida remotamente, a qual interessa muito à criança do presente da narrativa, sequiosa em ouvir histórias, cujos protagonistas são personagens da sua faixa etária (período este das décadas de trinta, quarenta e/ou cinquenta, em que a televisão ainda não reinava no espaço doméstico). Agora velho, o narrador, no tempo da narração, também se identifica com o avô contador de histórias lá de sua infância e volta-se para esta. Assim, o avô, isto é, a figura do velho, ocupa um papel fundamental na constituição da narrativa de memória, que é puxar e entregar ao neto esse “fio” de todas as recordações, envolvendo a memória dos antepassados da família e da sociedade a que pertence.

Ambas as narrativas são concluídas com um fato noturno e festivo: a festa de despedida do herói de Varella, que sai do Brás, cumprindo aí uma fase de sua vida - a da infância - e o sonho de seu pai e a festa natalina, de “um ano qualquer”, de Ziraldo. A noite indica simbolicamente o fim de um ciclo e o começo de uma nova fase da existência: o menino deixa de ser criança para dar início à vida de homem crescido. A noite festiva pode representar também o término do trabalho do narrador e o início da

caminhada do leitor, que deverá lidar com a luminosidade (objetividade) do texto de Varella e tatear no “lusco-fusco” do texto de Ziraldo, composto por uma linguagem bastante poética e subjetiva, constituída por um forte lirismo.

A memória individual não se processa de forma independente, ela tem como apoio as percepções provocadas pela memória coletiva. A constituição de uma memória autobiográfica, pessoal, traz como base de apoio a convivência com vários grupos durante toda a vida. E essas memórias ancoradas nas percepções e lembranças coletivas são responsáveis pela constituição identitária do sujeito. Ao alinhavar suas lembranças das experiências que vivenciou, inserindo-se como parte de uma sociedade, o narrador das duas obras processa uma espécie de ajuntamento, colagem ou bricolagem dos fragmentos e preenchimento de lacunas por meio do imaginário, de tudo que restou das recordações de seu passado. É uma espécie de ajuntar os cacos, no mundo moderno marcado pela fragmentação, em que a narrativa, o rememorar, apesar do pouco espaço que usufrui, possui grande responsabilidade no sentido de tornar o individual parte integrada de um todo.

1 - Mestre em Letras pela USP e professora da UNEMAT, área de Literaturas de Língua Portuguesa. E-mail: pereira.leonicerodrigues@gmail.com

2 - O conceito de “narrador” utilizado neste texto tem por base a abordagem de Antonio Candido em “Poesia e ficção na autobiografia”, ensaio que compõe o livro **A educação pela noite**, de 1987.

Aceito para publicação em 01.06.2009

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALLA JUNIOR, Benjamim. **Fronteiras múltiplas, identidades plurais**: um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural. São Paulo: Senac, 2002.

CANDIDO, Antonio. Ficção e poética na autobiografia. In: \_\_\_\_\_. **Educação pela noite**. São Paulo: Ática, 1987. p. 51-69.

CHEVALIER, Jean; GREERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo:



Companhia das Letras, 2001.

HALBWACH, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Lais Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

\_\_\_\_\_. **Los marcos sociales de la memoria**. Traducción de Manuel A. Baeza y Michel Mujica. Caracas: Anthropos, 2004.

KLEIN, Herbert S. Migração internacional das Américas. In: FAUSTO, Boris. (Org). **Fazer a América**: a imigração em massa para a América Latina. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999. p. 13-32.

MASI, Domenico de. **O ócio criativo**. Tradução de Lea Manzi. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

VARELLA, Dráuzio. **Nas ruas do Brás**. Ilustrações de Maria Eugênicia. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000.

ZIRALDO, Alves Pinto. **Menino do rio Doce**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1996.

\_\_\_\_\_. **Os meninos morenos**. São Paulo: Melhoramentos, 2004.

